

JORNAL: CORREIO DA MANHÃ LOCAL: GUANABARA

DATA: 21 / 9 / 1957 AUTOR: _____

TÍTULO: A INAUGURAÇÃO DA MOSTRA BRASILEIRA EM SANTIAGO DO CHILE

ASSUNTO: IVAN NO CHILE - ARTE BRASILEIRA

o, 21 de Setembro de 1957

C. Manhã
21-9-57

1.º Caderno

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS INTERINO

A inauguração da mostra brasileira em Santiago do Chile

SANTIAGO, 17 — (De Jayme Maurício, enviado especial) — A magnífica exposição "Arte Moderna em Brasil", organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sob os auspícios do Itamarati, e que já percorreu Buenos Aires e Rosário, sempre com excepcional sucesso, foi ontem inaugurada em Santiago do Chile, nos salões do Museu de Arte Moderna da Quinta Normal. Se a mostra não está exposta aqui com o luxo de que se revestiu no Museo de Bellas Artes de Buenos Aires, essa deficiência de pouca importância é mais do que compensada pelas vantagens de circulação, muito bem aproveitadas por Wladimir e Tuni Murtinho, organizadores da mostra aqui no Chile. São amplas salas, dispostas em grande pavilhão no centro do belo parque que é a Quinta Normal, um pouco distante do centro de Santiago, porém mais ao alcance das massas trabalhadoras, já que a sociedade e os intelectuais naturalmente sentem atraídos a visitas desta natureza. Pareceu-nos, também, que a distribuição dos trabalhos, aqui em Santiago, está mais racional que em Buenos Aires, não se permitindo que a obra mais forte e mais evidente de alguns artistas obscureça o trabalho, tão valioso se bem que menos vistoso de alguns outros. A exposição mantém a divisão esculturas, pinturas, desenhos e gravuras, tendo sido, entretanto, bastante transformada a ordem guardada em Buenos Aires. Agora, à entrada do pavilhão, um grande painel traz o nome da exposição e ao lado, simbolicamente, um trabalho de Anita Malfatti, e outro de Ivan Serpa, evidenciando o transcurso de quarenta anos de arte brasileira, cobertos pela mostra. Junto ao painel, uma mesa de publicações. O visitante começa pela direita, encontrando, nas paredes, pequenos mapas, explicando a organização de cada sala. Em primeiro lugar vêm os "precursores": Segall, Anita Malfatti, Tarsila. Depois Portinari e Di Cavalcanti, os "mestres do movimento modernista". Em seguida, os "independentes" — Pancetti e Guignard — e os "ingênuos". Depois, as demais tendências, inclusive abstratos e concretos. Em seguida os gravadores e, finalmente, os desenhistas. As esculturas, muito bem dispostas, espalham-se por todas as salas.

O cartaz de promotores da exposição traz, desta vez, a reprodução da "Mulher Chorando" de Portinari. Está melhor confeccionado que o de Buenos Aires. O mesmo acontece com o catálogo, agora organizado por Tuni, gráficamente mais moderno e racionalmente mais eficaz. Além da Introdução de Carlos Flexa Ribeiro, o catálogo traz, na versão do Chile, um prefácio de Enrique Bello, diretor da Revista de Arte da Universidade do Chile e uma apresentação do embaixador Antônio de Vilhena Ferreira Braga, representante do Brasil no Chile. Em seu prefácio, Bello mostra a originalidade da arte brasileira, com toda a dívida que possa ter para com a arte européia. E afirma, entre outras coisas interessantes que "o reconhecimento, por um Di Cavalcanti, das abstrações concretistas

de Ivan Serpa, será seguramente tão difícil como o que este possa outorgar a vigorosa pintura do primeiro, que em seu devido tempo tornou-se tão precursor como poderia ser agora o segundo para a presente geração".

A INAUGURAÇÃO

Desde bastante antes da inauguração oficial da exposição, fervilhavam os convidados pelas salas. Intelectuais, críticos, artistas, pessoas da sociedade, à espera do mundo oficial, percorriam as salas, observando e comentando os trabalhos expostos. Desde logo se estabeleceu uma onda de admiração (o manômetro do porteiro acusou nada menos de 1.450 visitantes). E começaram os debates, as discussões, as perguntas... As 19,20 chegava o presidente Ibañez, acompanhado de sua senhora. Estava precedido do ministro Macedo Soares e da Delegação Brasileira. Os visitantes foram recebidos por uma banda de música e logo começaram a percorrer as salas. Estavam presentes os dois ministros das Relações Exteriores, Macedo Soares e Saint-Marie, o embaixador brasileiro, o presidente do Museu de Arte Moderna do Rio, o Reitor da Universidade do Chile, o Deão das Belas Artes da Universidade, etc. Na última sala, o embaixador Maurício Nabuco, presidente do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, pronunciou, em espanhol, um discurso bem caloroso e pessoal, que causou profunda impressão em todos os presentes. Recordou sua estada no Chile, por três anos, como embaixador, apresentou as homenagens do Museu que preside à cultura chilena, acentuou a importância da presença brasileira no Chile, neste momento e terminou: "Sentimos que, de uma ou de outra forma, aqui estamos colocando uma pequena pedra para fortalecer as bases culturais de nossa civilização comum. Todos os problemas do progresso humano se resumem em problemas de cultura, e esta, daqui, brotará ainda mais vigorosa".

A PALAVRA DE OYARZÚN E AS IMPRESSÕES DE IBÁÑEZ

As palavras de Maurício Nabuco foram respondidas pelo Deão da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Chile, D. Luís Oyarzún, que disse da importância da exposição para a intensificação do conhecimento, não só artístico como geral, do Brasil por parte do Chile.

O presidente Ibañez disse também algumas palavras, de improviso. Em conversa particular, mais tarde, prometia voltar à exposição, para percorrê-la mais detidamente. "Por mais que isso possa aburrir-me" disse, em tom brincalhão.

Os artistas chilenos estão profundamente interessados na arte brasileira e surpreendidos com o desenvolvimento da arte abstrata e concreta, que lhes deu um marcado ímpeto. Hoje, segundo dia da chegada, já está combinado um encontro entre Wladimir e Tuni Murtinho, Adalgisa Nery e Mário Faustino com os intelectuais, artistas, poetas e críticos locais na exposição.